



Ciberjornalismo na lusofonia: Contributo para um mapeamento

Online journalism in Lusophone: Contribution to a mapping

FERNANDO ZAMITH¹, ISABEL REIS², PEDRO JERÓNIMO³, CATARINA OSÓRIO⁴, XOSÉ PEREIRA FARIÑA⁵,
MOISÉS LIMIA⁶, SILVINO LOPES ÉVORA⁷, CELESTINO VAZ JOANGUETE⁸ & BEN-HUR DEMENECK⁹

Resumo

Pretendemos com este estudo verificar em que medida os cibermeios (sites noticiosos) dos países lusófonos aproveitam as potencialidades jornalísticas da Internet, e se há diferenças significativas de país para país. Quisemos também saber que potencialidades são mais e menos aproveitadas, e comparar os resultados com os obtidos noutros estudos baseados na mesma metodologia. Como esperávamos, os resultados apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono, bem como para uma clivagem clara entre Península Ibérica/Brasil, com níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet, e África, com os valores mais baixos. Estes resultados indiciam uma relação direta entre os níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em cada país e os respetivos níveis de desenvolvimento económico.

Palavras-Chave: Ciberjornalismo; Lusofonia; Cibermeios; Mapeamento

Abstract

With this study we've intend to verify the extent to which online media (news websites) of Lusophone countries are harnessing the journalistic potential of Internet, and whether there are significant differences from country to country. We also wanted to know which capabilities are more and less used, and compare the results with those obtained in other studies based on the same methodology. As expected, the results show a lack of a single standard that features the Lusophone online journalism, as well as a clear divide between Iberia / Brazil, with higher levels of use of the potentialities of the Internet, and Africa, with the lowest values. These results suggest a direct relation between online journalism development levels in each country and the respective levels of economic development.

Keywords: Online journalism; Lusophone; cibermedia; mapping

1. OBJETIVOS E METODOLOGIA

É hoje incontestável que a Internet veio alterar profundamente hábitos de vida, de trabalho, de relação humana, de comunicação e de acesso ao conhecimento e à informação. Ponto central na sociedade contemporânea, a Internet passou a assumir

¹ ObCiber/ Polo Ciências da Comunicação, Universidade do Porto, zamith@gmail.com.

² ObCiber/ Universidade do Porto.

³ ObCiber/ Universidade do Porto.

⁴ ObCiber/ Universidade do Porto.

⁵ Grupo Novos Medios, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

⁶ Grupo Novos Medios, Universidade de Santiago de Compostela, Galiza.

⁷ Universidade de Cabo Verde e Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Cabo Verde.

⁸ Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique.

⁹ Universidade de São Paulo, Brasil.

também um papel preponderante na produção, difusão e consumo de jornalismo. Se este é o cenário nos países desenvolvidos, já o mesmo não podemos dizer quando pensamos em países com baixas taxas de literacia e reduzido acesso à Internet. A diversidade do espaço lusófono, abarcando distintos modelos de jornalismo, é indiciadora de igualmente diferentes modos de produção ciberjornalística, que importa comprovar cientificamente.

O ciberjornalismo lusófono é hoje ainda uma realidade pouco conhecida e estudada. Alguns investigadores têm-se debruçado sobre o jornalismo que se vai fazendo no Brasil, em Portugal e na Galiza, mas são raros os estudos sobre as experiências de ciberjornalismo nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e em Timor-Leste. Importava, pois, fazer um levantamento do jornalismo que se faz nesses países e verificar que semelhanças e diferenças existem relativamente ao ciberjornalismo lusófono praticado na Europa e na América.

Este estudo resultou do trabalho concertado de nove investigadores de vários países lusófonos, a maioria dos quais com larga experiência no estudo de cibermeios e, especificamente, na aplicação da metodologia escolhida. A equipa integrou quatro investigadores do Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber), núcleo sediado no polo da Universidade do Porto da unidade de investigação CETAC.MEDIA, e cinco investigadores de outros países lusófonos, entre os quais um membro fundador do grupo Novos Medios, que tem dedicado grande parte da sua investigação ao estudo dos cibermeios espanhóis, nomeadamente os galegos. A equipa reúne também conhecedores da realidade do ciberjornalismo em Cabo Verde, Moçambique e Brasil, com trabalhos publicados sobre a área. Devido à dificuldade em encontrar especialistas em ciberjornalismo na Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Timor-Leste, o levantamento e a análise dos cibermeios destes países foram repartidos pelo conjunto da equipa.

O objetivo central deste estudo foi verificar em que medida os cibermeios (sites noticiosos) dos países lusófonos aproveitam as potencialidades jornalísticas da Internet, e se há diferenças significativas de país para país. Quisemos também saber que potencialidades são mais e menos aproveitadas, e comparar os resultados com os obtidos noutros estudos baseados na mesma metodologia. Será que há um padrão que caracteriza o ciberjornalismo lusófono, no que diz respeito ao aproveitamento das potencialidades do meio? Ou a diversidade é tão grande quanto a disparidade de níveis de desenvolvimento dos vários países? Foi esta dupla-questão que guiou o estudo que aqui se apresenta.

O estudo abrangeu amostras de quatro cibermeios cada (um título originário da imprensa, um da rádio, um da televisão e um nascido na Internet) de sete dos oito estados-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a que juntámos a Galiza, pela proximidade linguística. Timor-Leste teve de ser excluído da análise, pois, na fase de levantamento, não foram encontrados cibermeios em língua

portuguesa (apenas em Tétum e/ou Inglês)¹⁰. Foi analisada também uma amostra de cibermeios produzidos nas/para as diásporas de língua portuguesa. Utilizamos neste estudo a versão mais recente da metodologia proposta por Zamith (2011: 88-112) para medir o aproveitamento pelos cibermeios das sete potencialidades jornalísticas da Internet (interatividade, hipertextualidade, multimedialidade, instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização), com cada amostra “nacional” controlada por dois investigadores. A única alteração introduzida na grelha de análise foi a pontuação da variável “Noticiário adaptado a suporte diferente” (itens 42.1 e 42.2) também como aproveitamento de ubiquidade, e não apenas de personalização. Desta forma, a pontuação máxima de ubiquidade passou de sete para nove pontos.

A recolha de dados decorreu entre 22 de abril e 08 de maio de 2013, período propositadamente curto para evitar enviesamento de resultados motivado por eventuais renovações de sites ou oscilações sazonais de cobertura noticiosa. Como recomendado pelo autor da metodologia, foram escolhidos preferencialmente dias úteis sem nenhum grande evento programado, que, eventualmente, pudesse deturpar os resultados. A adoção da dupla verificação, inédita na aplicação da grelha de análise escolhida, revelou-se vantajosa na confirmação de dados e na resolução de dúvidas quanto à pontuação de alguns itens, mas não se revelou eficaz na observação de algumas áreas, uma vez que observações em dias e horas diferentes resultaram, em muitos casos, em pontuações também diferentes¹¹. Por consenso de todos os elementos da equipa, adotou-se como critérios a atribuição da melhor pontuação das duas observações em cada variável no cálculo das áreas B (interatividade) e C (multimedialidade), e a sequência de pontuação mais favorável para cada cibermeio na área D (instantaneidade).

Na seleção da amostra, adotou-se como primeiro critério o cibermeio de cada uma das quatro origens (imprensa, rádio, televisão e Internet) com maior audiência¹². Nos países/comunidades sem métricas credíveis de audiência online, foram escolhidos os títulos de maior audiência no meio tradicional de origem¹³. Nos casos de ausência total de sistemas credíveis de medição de audiência de média, recorreu-se à perceção que os membros da equipa e/ou as fontes por si contactadas (designadamente outros investigadores e delegados da agência Lusa nos PALOP) têm quanto aos cibermeios de maior audiência nesses países.

No total (ver Quadro 1), foram analisados 36 cibermeios entre 22 de abril e 08 de maio de 2013. Nalguns países, foi necessário substituir algum dos meios originais (rádio e/ou TV) pelo site da agência noticiosa nacional ou por outro cibermeio (de imprensa ou só online) devido a atividade intermitente ou mesmo inexistência na

¹⁰ <http://diariutimorpost.tl/home>, <http://radioliberalidadedili.com/>, <http://suara-timor-lorosae.com/home>

¹¹ Foi ponderada a possibilidade de aplicar a grelha no mesmo dia e às mesmas horas por todos os investigadores (ou, pelo menos, por cada par), mas os diferentes fusos horários e os compromissos profissionais/de investigação de cada um inviabilizaram essa opção.

¹² No caso de Portugal, foi utilizado o ranking Netscope de entidades Web.

¹³ No caso do Brasil, foram utilizados os dados do Instituto Verificador de Circulação (IVC), para títulos de imprensa, e do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), para títulos de rádio, televisão e Internet (neste caso, em associação com a Nielsen).

Internet dos títulos oriundos dos meios audiovisuais. A amostra da diáspora ficou desequilibrada para o lado das comunidades portuguesas, por dificuldade em encontrar cibermeios das outras diásporas, nomeadamente a galega e a cabo-verdiana, qualquer delas de grande dimensão.

2. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Sem grande surpresa, os resultados globais (Gráfico 1) apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono e para uma clivagem clara entre o ciberjornalismo que se pratica na Europa e na América, com níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet, e o oriundo de África e da diáspora, com os valores mais baixos. Estes resultados indiciam uma relação direta entre diferentes níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em cada país ou comunidade e os respetivos níveis de desenvolvimento económico, e poderão ser explicados também pelas diferenças de acesso à Internet, literacia mediática e hábitos de consumo de notícias.

Numa análise mais detalhada, verificamos que nenhum país ou comunidade atingiu metade do aproveitamento máximo das potencialidades jornalísticas da Internet e que, mesmo entre os PALOP, são os países economicamente menos desenvolvidos (São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau) os que registam piores resultados.

Analisando por cibermeio (Gráfico 2), constatamos que apenas dois títulos oriundos de jornais diários (Público e La Voz de Galicia) ultrapassam os 50 por cento de aproveitamento das potencialidades da Internet. Os quatro cibermeios portugueses estão entre os seis primeiros do ranking global, e no top 10 ficaram exclusivamente títulos de Portugal, Galiza e Brasil. De salientar ainda que um quinto dos cibermeios ficou abaixo dos 10 por cento, dado revelador do desinteresse pelo meio online e/ou desconhecimento do seu potencial jornalístico.

Por potencialidade (Gráfico 3), verificamos que, à semelhança de outros estudos (Zamith, 2011: 122-210), a memória e a instantaneidade estão entre as potencialidades mais aproveitadas, enquanto as três menos aproveitadas, se excluirmos a criatividade (que valoriza potencialidades não previstas nas sete primeiras áreas da grelha), são, também nesta amostra, as que os teóricos frequentemente apontam como as mais importantes (interatividade, hipertextualidade e multimedialidade).

3. CARACTERIZAÇÃO DO CIBERJORNALISMO LUSÓFONO

O levantamento feito para a construção da amostra do estudo, complementado pela aplicação da grelha aos 36 cibermeios, permitiu-nos traçar um esboço das características do ciberjornalismo lusófono, que aqui se apresenta, ainda que segmentado por países e comunidades.

ANGOLA

Angola está ainda a dar os primeiros passos no que diz respeito à Internet. A penetração da Internet em Angola está circunscrita a Luanda e, de forma irregular, a cidades como Huambo, Lubango e Benguela. Paralelamente, o país debate-se com muito baixos níveis de literacia, agravados por também reduzidos hábitos de consumo de notícias. Este cenário ajuda a explicar o (ainda) escasso interesse na criação e desenvolvimento de sites jornalísticos.

Como afirma Salgado (2008: 65), a Internet pode “fortalecer a sociedade civil”, ao tornar mais fácil o acesso a todo o tipo de informação, “e pode ser utilizada como uma fonte de informação alternativa às notícias controladas pelas autoridades”. “Acredita-se que a Internet pode desempenhar um papel relevante na construção e na manutenção dos sistemas democráticos, precisamente porque tem um enorme potencial na criação de redes e na mobilização, e porque possibilita uma maior difusão da informação sobre as elites políticas, as suas medidas e sobre as opiniões contraditórias” (Ibidem). Mas este potencial não tem sido aproveitado da melhor maneira, quer pela reação de quem tem o poder quer por atitudes defensivas de quem quer/deve denunciar os abusos do poder. A autora foca os casos de Angola e Moçambique, onde, para terem liberdade de criticar e para evitar represálias das autoridades, autores de blogues optam por não se identificar, usando “nicknames”. “Algumas publicações informativas online também preferem a segurança do anonimato. No site do Angola24Horas ou do AngoNotícias não existem referências (nomes e contactos) à equipa editorial”, nota Salgado (Ibidem). Muitas vezes, esta prática acaba por se voltar contra quem se refugia no anonimato, pois perde credibilidade.

Sem métricas de audiência fiáveis e com um leque variado de publicações online de duvidosa credibilidade, não foi fácil escolher a amostra para este estudo. No caso dos títulos oriundos dos meios audiovisuais, dada a escassez de alternativas, optou-se pelos sites da Rádio Nacional de Angola e da Televisão Pública de Angola, ambas estatais, mas provavelmente ainda com audiências superiores às estações privadas, como a TV Zimbo, a Rádio Ecclésia (da Igreja Católica), a Rádio Mais e a Rádio Despertar (associada à UNITA). Da imprensa, foi escolhido o Jornal de Angola, também estatal e apontado como o mais lido no país, superando títulos como O País e o Novo Jornal. Club-K, Angonotícias e Central 7311 foram as publicações noticiosas nascidas na Internet identificadas como possíveis líderes de audiência, tendo a escolha recaído no mais popular, Club-K, abertamente antigovernamental (como também se assume o Central 7311).

BRASIL

O Brasil possui 80,9 milhões de usuários de Internet, de acordo com pesquisa do Centro de Estudo sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.

br¹⁴). Os dados foram divulgados em junho de 2013, integrando o levantamento Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) Domicílios. Aquele valor representa um avanço de 15 pontos percentuais em cinco anos, passando de 34% de brasileiros ligados à Internet, em 2008, para os 49%.

Para a seleção da amostra de cibermeios brasileiros objeto de análise neste estudo, foram utilizados os seguintes critérios:

- JORNAL: A Folha de S. Paulo foi o jornal de maior circulação paga do Brasil durante o ano de 2012 com uma média de circulação de 297.650 exemplares, de acordo com o Instituto Verificador de Circulação (IVC). O cálculo é baseado na circulação média diária no período de janeiro a dezembro de cada ano.
- TV: Segundo dados de 2012 do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), a Rede Globo está em primeiro lugar em audiência com 14,7 pontos marcados nas pesquisas, seguida dos canais Record (6,2 pontos), SBT (5,6 pontos) e Bandeirantes (2,5 pontos). É digno de nota que essa pontuação da Globo representa a fase considerada como a de menor audiência na história da emissora.
- PORTAL: Segundo dados de relatório IBOPE/Nielsen divulgados em 2013, o portal UOL está em primeiro lugar em número de acessos com 35.801 milhões de visitas únicas; em segundo vem o portal da Globo com 30.529 milhões de acessos; e, na terceira posição, o Terra registou 26.981 milhões de acessos.
- RÁDIO: Segundo dados consolidados do IBOPE do primeiro trimestre de 2013 referentes às rádios FM mais ouvidas de São Paulo (e do Brasil), a rádio CBN é a mais ouvida no segmento jornalismo, contando 0,28% de participação entre as radiodifusoras, o que representa a 19.^a participação geral. Fica à frente da Bandnews (25.^o lugar) e da Estadão/ESPN (33.^o lugar). Detalhe: a Rede CBN está presente em 30 cidades, com quatro emissoras próprias (São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte) e 26 afiliadas. Foi escolhida por ser pioneira ao utilizar o formato “all news” no Brasil, em 1991.

Na aplicação da grelha de análise, encontrámos algumas dificuldades. O ponto mais relevante a comentar diz respeito às Organizações Globo. Por elas formarem um conglomerado, a caracterização do cibermeio televisão ficou difícil e os resultados podem dar uma impressão de que não há uma atualização do grupo mediático face às novas tecnologias.

A fim de evitar que se tomasse apenas o jornalismo das Organizações Globo, integrado num portal virtual de alta convergência de veículos, suportes e conteúdos,

¹⁴ De acordo com informações institucionais, o CETIC.br foi criado em 2005 e é o departamento do NIC.br responsável pela coordenação e publicação de pesquisas sobre a disponibilidade e uso da Internet no Brasil. Os estudos servem de referência para as políticas públicas que garantam o acesso da população às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). O NIC.br (Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR) foi criado para implantar decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), responsável por coordenar e integrar as iniciativas e serviços da Internet no País. Informações retiradas das páginas <http://www.nic.br/sobre-nic/nicbr.htm> e <http://www.cetic.br/sobre-ceticbr/>

a decisão para a coleta de dados foi pelo link que concentrava o canal televisivo. Portanto, aberto também ao entretenimento.

O caráter generalista da televisão acaba por destacar telenovelas, programas de desporto e notícias de celebridades em detrimento de informações de caráter público. Cabe-se destacar a atualização frequente do canal, atualizado conforme a grelha. Outro ponto é que cada afiliada da emissora Globo possui um portal de Internet para dar visibilidade aos seus programas de conteúdo regional. Quanto aos “programas da rede”, também possuem canais próprios de divulgação e interação com seus espectadores.

Uma das dificuldades para a pesquisadora que fez o “double-checking” foi conferir o jornal Folha de S. Paulo, por haver uma limitação no número de acessos gratuitos. O primeiro pesquisador conseguiu fazer a consulta por ter acesso a um plano de assinatura de portal vinculado ao periódico.

Como resultados e conclusões mais relevantes, destacamos as seguintes:

a) Limitação da influência

No Brasil, há pouca preocupação de fazer um jornalismo que influencie outros países com seu noticiário. Tem havido um esforço maior na produção de conteúdo em Inglês, mas ainda não é sistemático. Apesar do crescimento económico e de um maior impacto global do país, o jornalismo ainda se concentra em assuntos de ordem nacional.

b) Atualização dos jornais

Os dois maiores jornais brasileiros (Folha de S. Paulo, presente na recolha de dados, e O Estado de S. Paulo) mostram-se muito ligados às tecnologias, a começar porque possuem agências de notícias que distribuem e vendem conteúdos para todo o território nacional via online. Convém notar que a ligação dos jornais a determinados portais tende a vir como um prémio por estes estarem ligados a mecanismos como planos de assinatura de contas de email, por exemplo.

c) Uso criativo: fotomontagens

Entre os recursos, cabe destacar a presença de fotomontagens imitando bandas desenhadas. Usam-se os mesmos recursos gráficos da arte, com a diferença de que o conteúdo é jornalístico, com sessões do parlamento ou a alta magistratura. Esta moda iniciou-se nos meios impressos e está sendo replicada em portais como a UOL.

d) Internet como arquivo

Os cibermeios “tradicionais” tendem a se concentrar na replicação dos seus conteúdos, produzindo pouco material exclusivo para a Internet. Ou seja, a Internet ainda continua servindo mais de arquivo do que de meio de exploração das suas múltiplas possibilidades comunicativas.

CABO VERDE

No caso de Cabo Verde, os cibermeios são um pouco o reflexo do nível de penetração das novas tecnologias neste país. A realidade do ciberjornalismo cabo-verdiano é ainda muito marcada pelo texto e pelo fraco recurso ao multimédia. Mesmo os vídeos que encontrámos nos sites noticiosos cabo-verdianos são muitas vezes do YouTube, SAPO Vídeos ou outros canais, não existindo ainda muita produção própria nesta área ou mesmo articulação com outros elementos jornalísticos (p.e., texto).

Sendo o acesso à Internet ainda difícil em Cabo Verde, e restrito a uma percentagem ainda pequena da população, o grau de atualização da informação online tende a ser menor do que noutros países, às vezes com apenas uma atualização diária. Por outro lado, o grau de interatividade com o público é quase inexistente, ainda que os cibermeios se preocupem em fornecer informações úteis para os seus visitantes (tempo, trânsito, dicas de culinária).

Dada a escassez de cibermeios, não foi difícil a escolha da amostra para este estudo. Radiotelevisão Caboverdiana (RTC), estatal, Rádio Nova, da Igreja Católica, A Semana e Notícias do Norte foram os quatro sites escolhidos.

GUINÉ-BISSAU

A história e o percurso dos média na Guiné-Bissau refletem a instabilidade política e as dificuldades económicas do país. Évora (2007) enumera um conjunto de motivos que contribuem para a não-proliferação da indústria mediática guineense: a frágil estrutura económica do país, as diferenças étnicas, as deficientes redes educativas e a elevada taxa de analfabetismo, as carências técnicas ou humanas com que os média se defrontam diariamente, e as constantes violações da liberdade de imprensa - esta realidade afeta não só os média públicos e privados, cuja periodicidade é frequentemente interrompida, como também os correspondentes estrangeiros e a receção das emissões da RDP ou RTP África. A emergência do tráfico de droga e o reconhecimento de que a Guiné-Bissau será o primeiro “narco-estado” emergente do continente africano¹⁵ é referida pelas Nações Unidas (UNODC, 2007) como um fator que coloca em causa não só o processo de democratização do país como a própria liberdade de imprensa.

A Guiné-Bissau não tem jornais diários e o único semanário impresso nem sempre consegue manter a periodicidade. O Gazeta de Notícias (GZ) foi criado em 1997 e tem um site atualizado. Pouco antes da recolha de dados para este estudo um Editorial publicado online desmentia os rumores de que a última interrupção era definitiva: “Tal como a maioria dos órgãos da comunicação social, principalmente privados, as nossas condições de trabalho são precárias e, por isso, falta tudo, anúncios e publicidades para custear as despesas de funcionamento, apoios de parceiros

¹⁵ “Guiné-Bissau apontada como “narco Estado emergente”, Diário de Notícias, 26.12. 2010, notícia na sequência dos documentos divulgados pela Wikileaks

de desenvolvimento do país (...) É nesse ritmo que operam os Media, rádios e jornais, muitos dos quais, efectivamente, acabam por fechar as portas”.¹⁶ O GZ foi escolhido por ser o único jornal impresso e ter uma versão online.

A estação pública Rádio Difusão Nacional (RDN) da Guiné-Bissau continua a ser um dos órgãos privilegiados de informação no país, mas não tem site. O panorama radiofónico é composto por várias emissoras privadas ou comunitárias geridas por associações ou organizações não-governamentais ou ligadas a confissões religiosas. Alguns nomes de referência desapareceram ou os seus sites não estão acessíveis. Assim, foi seleccionada a rádio Solmansi, que se intitula Rádio Nacional da Igreja Católica, emite desde 2001 e apresenta um site com atualização diária de notícias. Pouco tempo após a recolha de dados, as emissões da Solmansi foram suspensas por ordem da entidade reguladora, devido a questões técnicas relacionadas com as frequências¹⁷.

A Guiné-Bissau tem apenas um canal de televisão, a TGB, criada em 1998, que pertence ao Estado e que está dependente do poder político (Évora, 2007:88). À data da recolha de dados para este estudo o site não tinha conteúdos atualizados. Pouco tempo depois a TGB lançou um novo site com um novo endereço.

Quanto aos média exclusivamente digitais, não foi encontrado um único exemplo. Os que existem foram criados a partir do exterior, uns têm produção própria, outros apresentam notícias sobre a Guiné que já foram divulgadas noutros média. Foi neste contexto que foi seleccionado o Novas da Guiné-Bissau, fundado em 2012 e que se assume como ‘um diário de informação geral de referência’ feito por jornalistas oriundos da Guiné-Bissau.

É de referir ainda que, tal como em todos os países africanos de expressão portuguesa, há vários blogues que assumem um carácter mais ou menos noticioso, mas com um forte pendor opinativo, têm alguma atualização, sendo que a maioria é feita por jornalistas ou por guineenses que vivem fora do país. Estas particularidades limitaram a seleção da amostra, que acabou por ficar reduzida aos média que se vão mantendo em funcionamento apesar do contexto político e económico da Guiné-Bissau.

MOÇAMBIQUE

Os primeiros jornais eletrónicos surgidos em Moçambique eram inicialmente distribuídos via telefax, com meios muito modestos e pequenas equipas de apenas três a quatro jornalistas (Zamith, 1999: 2). O mercado destes jornais era bastante reduzido, pois eram distribuídos sobretudo pelas embaixadas, organizações não-governamentais, empresas e instituições do Estado, gestores seniores das empresas públicas e outros profissionais. A condição essencial para receber os jornais era ter um aparelho de fax ou conta de correio eletrónico (email), e poder pagar uma quantia que variava entre 20 e 60 dólares norte-americanos por mês (Zamith, 1999: 3).

¹⁶ Editorial consultado a 28.3.2013

¹⁷ “A.R.N manda fechar a RSM em 48 horas”, notícias Radio Solmansi, 2.7.2013

Pequenos jornais por fax, como Tribuna Fax, Vertical, Media Fax, Correio da Manhã, Diário do País, Diário de Notícias, Pungue, Ponto Zero, Expresso, Canal de Moçambique, Diário Independente, Diário da Zambézia, Wampula Fax e outros, têm uma circulação que ronda os 500 a 600 exemplares. Porém, a dificuldade em controlar a sua reprodução e reencaminhamento eletrónico tem prejudicado em grande medida as empresas jornalísticas que os produzem.

A migração de alguns jornais moçambicanos para a Internet tem sido feita com muitas dificuldades. A primeira dificuldade está associada ao aspeto técnico de produção, ou seja, adaptação do discurso jornalístico ao novo meio; a segunda está relacionada com os recursos financeiros para arcar com as despesas de manutenção; e a terceira tem a ver com a mudança do perfil do jornalista para o novo modelo de jornalismo.

Por um lado, as alternativas de alguns média moçambicanos em marcar a sua presença no ciberespaço é feita através de blogues. A opção por blogue é justificada em termos de custo e manutenção reduzida. Por outro, individualmente, as pessoas mais instruídas da sociedade moçambicana foram-se apropriando dos espaços de blogues para expressarem as suas opiniões, críticas e análises dos factos sociais, políticos ou mesmo para transformá-los numa espécie de diário ou de lugar de expressão poética.

Como foi possível confirmar neste estudo, o investimento tecnológico para a modernização dos média, particularmente os do Estado ou comparticipados pelo Estado, Jornal Notícias, Rádio Moçambique e Televisão de Moçambique, ainda não tem grandes reflexos no aproveitamento das potencialidades de Internet, particularmente a multimedialidade.

Em termos gerais, a multimedialidade poderia ter um maior peso e importância no ciberjornalismo, devido a múltiplos fatores que Bardoel e Deuze (2001) destacam como potenciadores de novas formas de narração jornalística. Os estudos de Maddenn (2007) e de Thurmann & Lupton (2008) chegaram a conclusão que a crise de leitura de jornais está a criar novos hábitos de consumo de notícias que tendem a dar preferência a pequenos textos e vídeos de curta duração.

Para a situação de Moçambique, onde quase 60 por cento da população é analfabeta, a multimedialidade tem a maior importância, graças ao sucesso do telefone móvel junto das populações de baixo rendimento (Fidalgo, 2013). A taxa de penetração dos telemóveis na população africana, relatada por Jensen (2008), tem-se revelado muito importante junto da população rural e abre oportunidade para os cibermeios aproveitarem as suas potencialidades comunicativas para atingirem a audiência marginalizada pelos media tradicionais (Levingston, 2011).

Vicente (2010) afirma que as apropriações das novas tecnologias sociais pelo cidadão geram novas dinâmicas sociais, novas formas de interação social e novas relações entre os média e a sociedade. No mesmo contexto, realça o impacto do telemóvel na “dimensão mediática” enquanto tecnologia para documentar e reportar acontecimentos.

Jornal Notícias, Jornal @ Verdade, Rádio Moçambique e Televisão de Moçambique foram os meios selecionados para este estudo. Os títulos oriundos da imprensa, rádio e televisão foram escolhidos pela sua longa tradição histórica no cenário mediático moçambicano. O jornal @ Verdade foi escolhido pelo facto de ser um dos cibermeios que introduziu, em 2008, uma nova forma de fazer jornalismo - jornalismo participativo e próximo do cidadão - e pelo facto de apresentar uma redação nativa do digital.

Na realização deste estudo, as principais dificuldades encontradas foram os entraves burocráticos no acesso a informação dos órgãos públicos e a subcontratação de pessoas externas aos cibermeios, nomeadamente da área de informática, para gerir e efetuar a manutenção das páginas online.

PORTUGAL

Helder Bastos (2009: 2513) divide os primeiros 12 anos do ciberjornalismo em Portugal em três fases: “a da implementação (1995-1998), a da expansão ou ‘boom’ (1999-2000) e a da depressão seguida de estagnação (2001-2007)”.

A primeira fase, “experimental, hesitante”, é marcada pelo “shovelware”, a mera transposição para a Internet dos conteúdos produzidos para os média tradicionais: “os jornais abrem os respetivos sites para neles reproduzirem os conteúdos produzidos para a versão de papel, as rádios transmitem na Web o sinal hertziano, as televisões os seus telejornais” (Ibidem).

Na segunda fase, assistiu-se a uma autêntica corrida para a Internet, com centenas de jornalistas a migrarem para as edições online dos meios tradicionais e com o surgimento de inúmeros títulos “online-only”, dos quais restam apenas alguns, como o Setúbal na Rede, Diário Digital e Maisfutebol.

O rebotamento da “bolha” da Internet, fruto de receitas publicitárias muito inferiores ao investimento feito nos produtos e serviços online, levou ao encerramento de vários cibermeios e à redução drástica do número de jornalistas. Foi este cenário que caracterizou a mais longa fase do ciberjornalismo português, a terceira, muito marcada por uma quebra muito abrupta, que atemorizou as administrações dos grupos de média, o mercado publicitário e os potenciais investidores. Depois dessa quebra acentuada, o ciberjornalismo português viveu um longo período de estagnação, com redações muito pequenas e muito escassos exemplos de investimento no setor.

A partir de 2008, prosseguindo ao longo de todo o ano de 2009, assistimos, contudo, a alguns sinais de um renovado, ainda que tímido, interesse dos grupos de média pela Internet, a que poderíamos designar como quarta fase do ciberjornalismo português, caracterizada pelo regresso cauteloso à Internet. O grupo Impresa apostou na integração multimédia dos sites do jornal Expresso e da revista Visão, o grupo Global Notícias/Controlinvest renovou os seus sites – Jornal de Notícias, TSF e Diário de Notícias –, o grupo Cofina também reforçou o online e a introdução do

vídeo generalizou-se, com destaque para as experiências dos diários Público, A Bola, Jornal de Negócios e Diário Económico e da Rádio Renascença.

Assistiu-se também ao surgimento de novos serviços, mais adaptados às características do meio, por parte das páginas na Internet das três principais empresas de televisão nacionais, RTP, SIC e TVI, destacando-se o lançamento do site TVI24¹⁸, em paralelo com o aparecimento do canal por cabo com o mesmo nome, especializado em notícias. Apareceram também várias televisões online, quer de âmbito nacional¹⁹ quer, sobretudo, de âmbito regional ou local²⁰, quase todas elas centradas na informação.

Em maio de 2009, surgiu um novo jornal diário de informação geral de âmbito nacional, o *i*, cuja edição online²¹, lançada em simultâneo, revelou uma aposta forte no webdesign e um bom aproveitamento da generalidade das potencialidades do meio, colocando o título na linha da frente nesta matéria entre os cibermeios portugueses.

Este cauteloso regresso à Internet foi, contudo, quebrado por mais um sério contratempo. A crise económica que emergiu em Portugal, sobretudo a partir de 2011, provocou despedimentos de jornalistas, fecho de órgãos de comunicação social, queda das receitas de publicidade, desinvestimento nas edições online.

Foi em plena quinta fase do ciberjornalismo português, caracterizada pela crise económica, que este estudo se realizou. A amostra escolhida teve por base os dados de fevereiro de 2013 do Ranking Netscope²². Foram selecionados os títulos de jornalismo generalista de maior audiência online provenientes da televisão (RTP), rádio (Renascença), imprensa (Público) e Internet (SAPO Notícias).

Apesar do cenário descrito, o ciberjornalismo português revela uma maturidade claramente superior à maioria dos restantes países de língua portuguesa. Instantaneidade, personalização e multimedialidade são as potencialidades mais aproveitadas pelos cibermeios portugueses. Uma grande dificuldade na observação continua a ser o acesso aos arquivos, alguns dos quais mal organizados, confusos e, por vezes, com problemas no funcionamento. Com a mesma pesquisa, obtemos resultados diferentes em dias diferentes e/ou com utilizadores diferentes. O uso do hipertexto é ainda tímido, apesar de agora mais frequente.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

A realidade de São Tomé e Príncipe no campo dos cibermeios é muitíssimo primitiva, como pudemos constatar pelos resultados deste estudo. Não só do ponto de vista da estrutura dos cibermeios, como da sua atualização. Nas áreas mais definidoras do ciberjornalismo, interatividade, hipertextualidade ou multimedialidade,

¹⁸ www.tvi24.iol.pt

¹⁹ <http://tvnet.sapo.pt>, por exemplo

²⁰ www.famatv.pt, por exemplo

²¹ www.ionline.pt

²² http://www.netscope.marktest.pt/ranking/Fev13/Rank_Fev_2013_Visitas.htm

os cibermeios são-tomenses estão ao nível dos primórdios do ciberjornalismo, nos anos 1990, o que significa um atraso acumulado de 20 anos.

A escassez de sites noticiosos dificultou a construção da amostra, nomeadamente porque a única televisão do país, Televisão de São Tomé e Príncipe, estatal, não tinha site. No período de recolha de dados, o site da Rádio Nacional de São Tomé e Príncipe²³ não estava acessível, pelo que foi substituído pelo site da Agência Noticiosa STP-PRESS. A amostra ficou completa com as edições online dos jornais Vitrina e Jornal Tropical e com o único título encontrado nascido e existente apenas na Internet, Têla Nón. Não foi integrado na amostra o Jornal ST²⁴, por funcionar como mero subsite do português Jornal Digital.

TIMOR-LESTE

O ciberjornalismo de Timor-Leste reflete bem a realidade do mais novo estado-membro da Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), onde maioritariamente se comunica em Tétum. No levantamento feito para este estudo, apenas conseguimos detetar três publicações classificáveis como sites noticiosos, Timor Post²⁵, Radio Liberdade Dili²⁶ e Saura Timor Lorosae²⁷, mas nenhuma com conteúdos em Português. Desta forma, fomos forçados a excluir Timor-Leste do âmbito do estudo, focado precisamente no ciberjornalismo em língua portuguesa.

GALIZA

A Galiza é um cenário tradicional e pouco dado à experimentação jornalística, no qual as indústrias da informação foram caracterizadas historicamente pela sua inação, por não aceitar de bom grado as inovações e por tentar manter o “status quo” a todo o custo. O caso galego é de particular interesse porque este reacionário imaginário coletivo é confrontado com a emergência das redes sociais e das novas formas de interação e comunicação.

Os principais meios de comunicação da Galiza foram obrigados a mudar pela grave crise económica (vinculada a um declínio alarmante das receitas de publicidade) e uma das medidas tomadas foi a integração de redações (confluência das redações do cibermeio e da versão impressa). A aposta na integração, em vez de uma convicção dos empresários da informação, responde às necessidades de redução de despesas. Lembre-se que, desde 2009, as receitas de publicidade dos média na Galiza têm diminuído gradualmente (atualmente, a descida é superior a 30% do volume de negócios) e os seus planos de expansão e diversificação têm sido abrandados, especialmente no domínio da televisão digital terrestre. A crise tem feito com

²³ <http://www.rnstp.st/>

²⁴ <http://www.jornal.st/>

²⁵ <http://diariutimorpost.tl/>

²⁶ <http://radioliberaldadedili.com/>

²⁷ <http://suara-timor-lorosae.com/>

que as grandes corporações de comunicação na Galiza paradoxalmente se focalizem na sobrevivência dos seus média impressos, deixando de parte as novas oportunidades de negócio oferecidas pela Internet. Se optaram por figuras ou fenómenos encontrados na convergência de tecnologias (tais como, por exemplo, o jornalista multimédia ou multitarefa que elabora informações para os jornais, para o cibermeio e até mesmo para a televisão) não foi por convicção, mas porque assim podem economizar custos e recursos humanos e minimizar perdas.

Identificamos duas tendências (aplicáveis a nível internacional, para outras realidades geográficas mais ou menos distantes) que chamamos: “estratégias de conservação” e “estratégias de renovação”. Na verdade, as primeiras estratégias são as que historicamente têm definido o panorama comunicativo da Comunidade Autónoma da Galiza. A segunda destas é muito recente e é resultado da combinação de uma recessão económica que estrangula os média com as possibilidades oferecidas pelas inovadoras redes sociais do jornalismo do século 21. A falta de definição da profissão e a busca desesperada de um modelo de negócio rentável conduziram ao nascimento de novas experiências. Os média galegos historicamente têm contado com subsídios e apoio institucional. Agora, com a crise económica, parecem surgir iniciativas de renovação do jornalismo. Talvez este seja um dos pontos positivos da crise económica que afeta a Europa com particular virulência.

DIÁSPORAS

A ideia inicial de inclusão de cibermeios produzidos por e/ou destinados a emigrantes de países de língua portuguesa teve em vista completar todo o panorama do ciberjornalismo lusófono e, simultaneamente, verificar que papel a língua assume na produção e consumo de notícias pelas diásporas lusófonas. Em complemento, tínhamos curiosidade em saber até que ponto esses cibermeios beneficiam dos (ou estão constrangidos pelos) níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo nos países de acolhimento das comunidades lusófonas.

O nosso objetivo ficou, contudo, prejudicado logo no levantamento dos cibermeios das diásporas de língua portuguesa, uma vez que a maioria de sites que encontrámos eram dinamizados por e/ou direcionados a comunidades portuguesas. Não foi possível integrar na amostra cibermeios de outras importantes diásporas lusófonas, como a cabo-verdiana e a galega.

No momento de seleção da amostra, também já não estava ativo o Notícias Lusófonas²⁸, cibermeio que, porventura, melhor representaria a realidade global que pretendíamos analisar. Foi possível, no entanto, incluir um cibermeio com âmbito geográfico alargado à maioria dos países de língua portuguesa, o PALOP News, sediado no Reino Unido. A amostra ficou completa com os sites da Rádio Alfa (sediada em Paris), Mundo Português (sediado em Lisboa) e Mundo Lusíada (sediado

²⁸ <http://www.noticiaslusofonas.com/> - sem atualização desde 30.01.2013.

no Brasil). A diversidade de origem dos cibermeios foi o principal critério utilizado para a seleção da amostra das diásporas lusófonas.

4. CONCLUSÕES

A concretização deste estudo, necessariamente de carácter exploratório, confirmou os nossos maiores receios quanto à escassez de investigação sobre a maior parte das “peças” que compõem (ou poderão vir a compor) o “puzzle” do ciberjornalismo na lusofonia. O levantamento que fizemos, ainda que não tão exaustivo como seria desejável, fez-nos alertar para a necessidade de um acompanhamento mais permanente da evolução do ciberjornalismo nos países e comunidades lusófonos, não só pela importância de “fixar” momentos históricos (através, nomeadamente, da recolha de depoimentos e da recolha de documentos que correm sério risco de se perder), mas também pela riqueza do conhecimento que se pode obter de realidades que são muito dinâmicas, fruto mais de instabilidade política e/ou económica e não tanto, como acontece noutras geografias, da evolução tecnológica.

Em resposta às nossas perguntas de partida, foi sem surpresa que concluímos que os resultados do estudo empírico apontam para a inexistência de um único padrão que caracterize o ciberjornalismo lusófono. Concluímos também que há uma clivagem clara entre o ciberjornalismo de língua portuguesa que se pratica na Península Ibérica e no Brasil, com níveis mais altos de aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet, e o que existe nos PALOP, com os valores mais baixos. Estes resultados indiciam uma associação ente os níveis de desenvolvimento do ciberjornalismo em cada país e os respetivos níveis de desenvolvimento económico, acesso à Internet e literacia mediática. Também merecedor de estudos mais profundos é o ciberjornalismo nas diásporas de língua portuguesa, uma vez que o desequilíbrio da amostra analisada não nos permite tirar conclusões seguras sobre esta realidade.

Apesar das características peculiares dos dois padrões de ciberjornalismo lusófono identificados, notámos similitudes com os resultados de outros estudos, no que diz respeito às potencialidades mais e menos aproveitadas, destacando-se nas primeiras a memória e a instantaneidade e nas últimas a interatividade, hipertextualidade e multimedialidade. Mas, para os defensores do diálogo intralusófono e da expansão da língua portuguesa na Internet e no Mundo, a “má notícia” deste estudo terá sido o fraco aproveitamento da ubiquidade, agravado pela ausência em Timor-Leste de sites noticiosos em língua portuguesa.

5. AGRADECIMENTOS

Aos jornalistas Pedro Cardoso, Eduardo Lobão e Fernando Peixeiro, pelas preciosas informações sobre os cibermeios africanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aznar, H. (2005) *Bitácoras. La consolidación de la voz del ciudadano*, A Coruña: Netbiblo.
- Bardoel, J. & Deuze, M. (2001) 'Network journalism: converging competences of old and new media professionals', *Australian Journalism Review*, Vol.2, nº 23, pp. 91-103, <http://jclass.umd.edu/classes/jour698m/BardoelDeuze+NetworkJournalism+2001.pdf> (20-07-2013).
- Bastos, H. (2009) 'Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal', http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/253/230 (03-03-2010).
- Diário de Notícias (2010) 'Guiné-Bissau apontada como "narco Estado emergente"', 26 dezembro 2010, http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1743129&seccao=CPLP.
- Díaz Nosty, B. (Dir.) (2007) *Medios de comunicación: el escenario iberoamericano*, Barcelona: Ariel.
- Évora, S. L. & Sousa, H. (2007) 'O mapa político e a liberdade de imprensa na Guiné-Bissau', *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 79-92, <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/anuario/article/view/718>.
- Fidalgo, A. (2013) 'Celular como rádio de pilhas na era da Internet. Rádio IP no celular', <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/98> (25-05-2013).
- Gazeta de Notícias (2013), 'Editorial', 28.03.2013, <http://www.gaznot.com/>.
- Jensen, M. (1998) 'Bridging the Gaps in Internet Development in Africa', International Development Research Center, http://www.idrc.ca/en/ev-11174-201-1-DO_TOPIC.html (01-10-2010).
- Levingston, S. (2011) *A Evolução dos Sistemas de Informação em África: Um Caminho para a Segurança e a Estabilidade*, Washington: Centro de Estudos Estratégicos de África, http://africacenter.org/wp-content/uploads/2011/09/ARP_2_POR.pdf (30-01-2012).
- Madden, M. (2007) 'Online Video', <http://www.pewinternet.org/Reports/2007/Online-Video.aspx> (20-04-2013).
- Notícias Radio Solmansi, 'A.R.N manda fechar a RSM em 48 horas', 02.07.2013, <http://www.radiosolmansi.org/noticias-da-gb/900-arn-manda-fechar-a-rsm-em-48-horas>.
- Salgado, S. (2008) 'A Internet e o processo de democratização: os casos de Angola e Moçambique', *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2008: 51-68.
- Thurman, N. & Lupton, B. (2008) 'Convergence calls multimedia storytelling at British news websites', *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 14(4), 439-455, <http://openaccess.city.ac.uk/120/2/Thurman%20Convergence%20Calls.pdf> (20-03-2013).
- UNODC, 'Cocaine trafficking in West Africa, The threat to stability and development (with special reference to Guinea-Bissau)', December 2007, http://www.unodc.org/documents/data-andanalysis/west_africa_cocaine_report_2007-12_en.pdf.
- UNRI, 'Tráfico de droga ameaça a consolidação da democracia na Guiné-Bissau, declara Ban Ki-moon', 01.10.2007, <http://www.unric.org/pt/controlo-de-droga-e-prevencao-do-crime/12648>.
- Vicente, P. (2010) 'Jornalismo Público 2.0: o fim dos tempos ou a reinvenção do jornalismo?', *Jornalismo & Jornalistas*, nº 24, Abril/Junho.

Zamith, F. (2011) *A contextualização no ciberjornalismo*, Tese de doutoramento em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, defendida em 14 de dezembro de 2011 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57280>.

Zamith, F. (1999) 'Dos jornais-fax de Moçambique aos web-jornais', III Lusocom - Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação, Universidade do Minho, Braga, 27-28 de outubro de 1999, <http://bocc.ubi.pt/pag/zamith-fernando-dos-jornais-fax-aos-web-jornais.html>.

Quadro 1 - Sites analisados e distribuição da análise

		Avaliadores
Angola	http://www.rna.ao	FZ + BD
	http://tpa.sapo.ao	FZ + BD
	http://jornaldeangola.sapo.ao/	FZ + BD
	http://club-k.net/	FZ + BD
Brasil	http://www.folha.uol.com.br/	BD + IR
	http://redeglobo.globo.com/	BD + IR
	http://cbn.globoradio.globo.com/	BD + IR
	http://www.uol.com.br/	BD + IR
Cabo Verde	http://www.rtc.cv/	SE + CO
	http://www.radionova.cv/	SE + CO
	http://asemana.sapo.cv/	SE + CO
	http://noticiasdonorte.publ.cv/	SE + CO
Galiza	http://www.lavozdegalicia.es/	ML + PJ
	http://www.crtvg.es/tvg	ML + PJ
	http://www.crtvg.es/rg	ML + PJ
	http://www.galiciainconfidencial.com/	ML + PJ
Guiné-Bissau	http://www.radiosolmansa.org/	IR + SE
	http://www.gaznot.com/	IR + SE
	http://www.televisao-gb.net/	IR + SE
	http://www.gbissau.com/	IR + SE
Moçambique	http://www.tvm.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.rm.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.jornalnoticias.co.mz/	CJ + FZ
	http://www.verdade.co.mz/	CJ + FZ
Portugal	http://www.publico.pt/	CO + ML
	http://www.rtp.pt/	CO + ML
	http://rr.sapo.pt/	CO + ML
	http://noticias.sapo.pt/	CO + ML
São Tomé e Príncipe	http://www.vitrine.st/	PJ + CJ
	http://www.jornaltropical.st/	PJ + CJ
	http://www.stp-press.st/	PJ + CJ
	http://www.telanon.info/	PJ + CJ
Diáspora	http://www.mundolusiada.com.br/	FZ + BD
	http://www.radioalfa.net/	FZ + BD
	http://www.palopnews.com/	FZ + BD
	http://www.mundoportugues.org/	FZ + PJ

**Gráfico 1 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet
(por país/comunidade)**

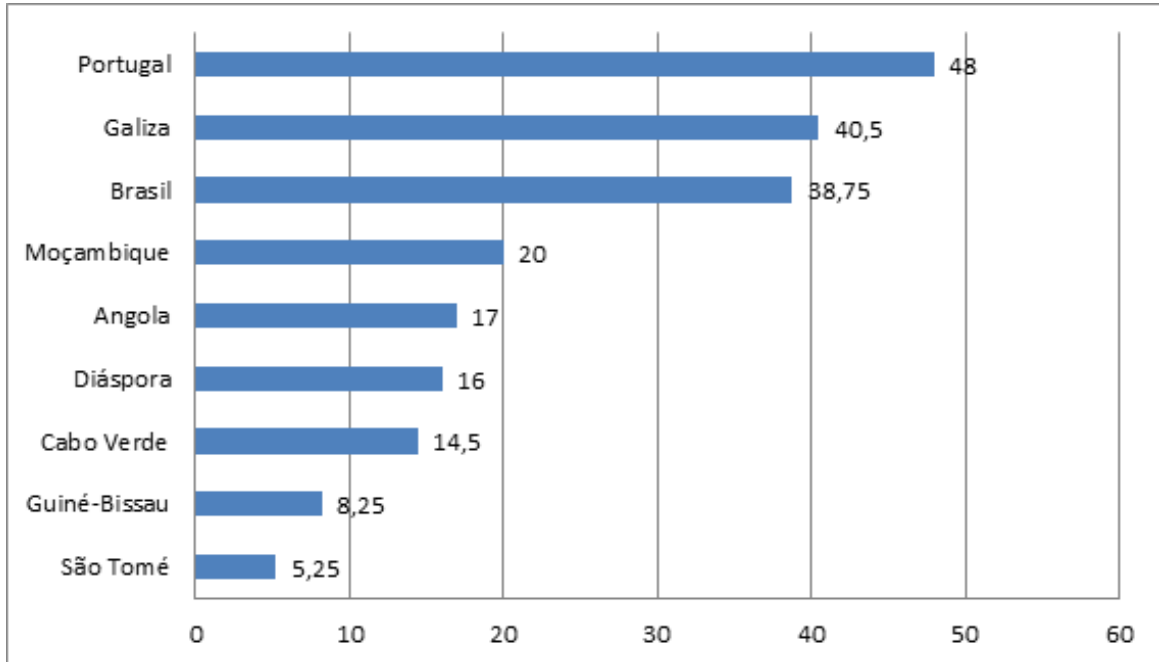
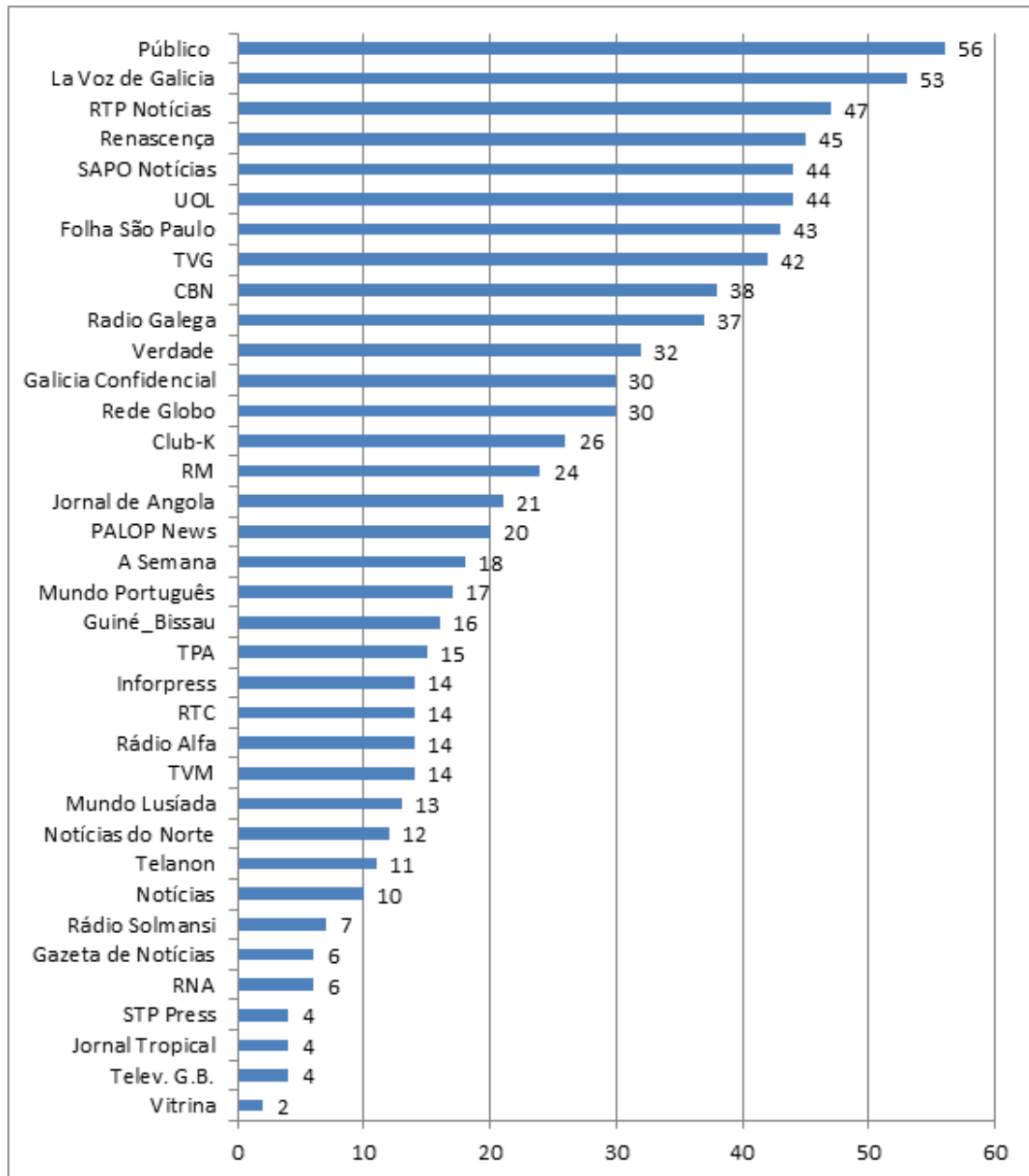


Gráfico 2 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet (por cibermeio)



**Gráfico 3 – Percentagem de aproveitamento das potencialidades da Internet
(por potencialidade)**

